

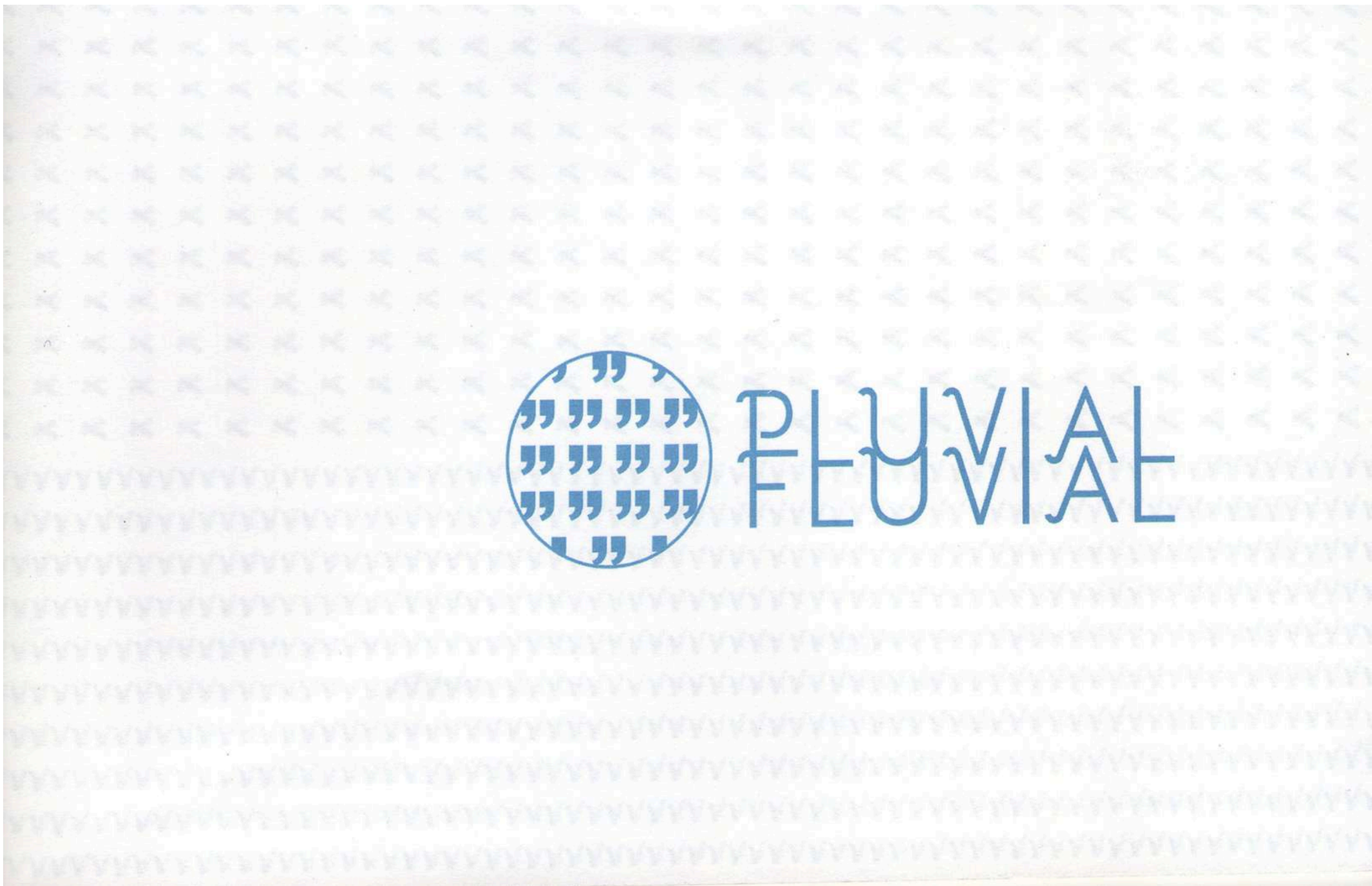
Ministério da Cultura e Petrobras apresentam

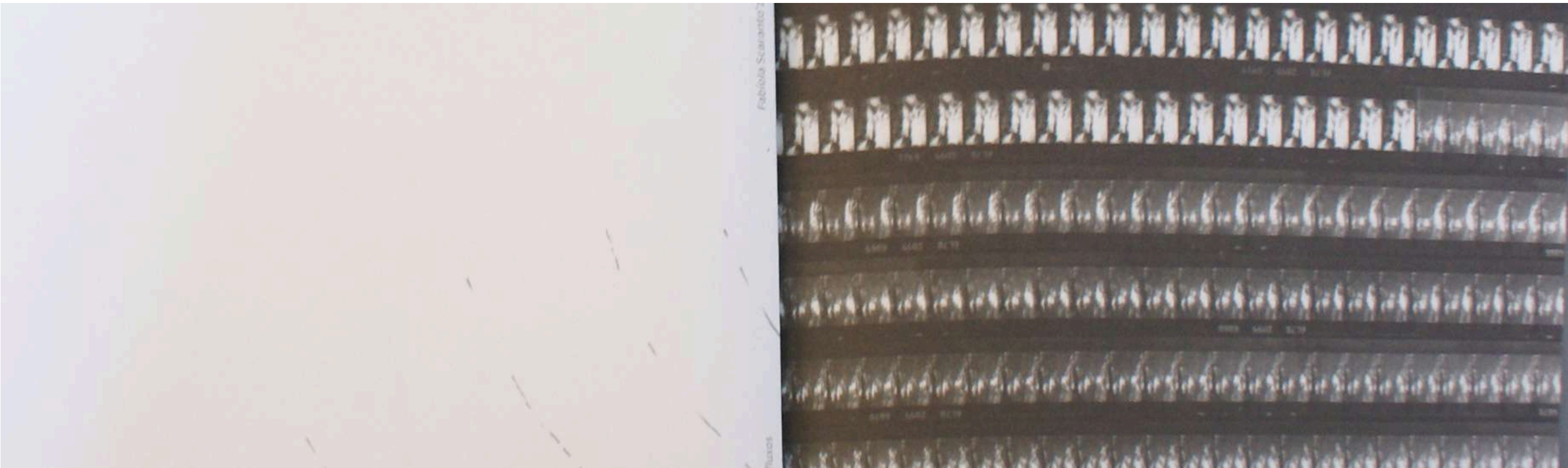


# PLUVIAL FLUVIAL

Claudia Zimmer  
Raquel Stolf  
(orgs.)

Claudia Zimmer' Fabio Morais' Fabíola Scaranto' Felipe Prando'  
Gustavo Torrezan' Helder Martinovsky' Joana Corona' Katia Prates'  
Maria Ivone dos Santos' Mariana Silva da Silva' Raquel Stolf'







LAURENCE TROTTIER / SANTANDER



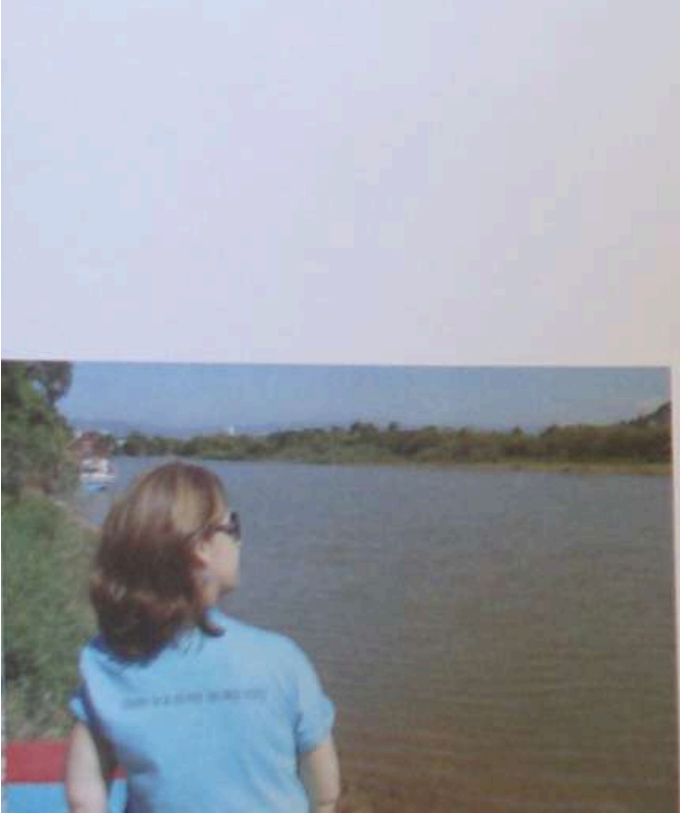
Isabela Corrêa

O avesso do quadro mostra a moldura de madeira carcomida e desprovida de cobertura enquadrando outra pintura. Os pigmentos são secos e deixam a descoberto parte do suporte. Seria feito com guache, que aderiu superficialmente, caindo em placas de cor, ao ressecar-se com o tempo? Outra gama de cores se apresenta. Laranja-avermelhado e tons escuros. Um nascer do sol recortado pela silhueta de palmeiras e de outras espécies. Atravesso a densa vegetação ali representada pelas tonalidades escuras e ouço o borbulhar delicado da água. Um olho d'água aflora na terra fofa e pronto torna-se o risco no qual deslizo. Desço velozmente o caudal que se forma pela força da gravidade. A água vai ocupando as falhas do terreno e tudo carregando. Um canal em linha reta torna-se o leito do Arroio alterado, interceptado pelo escoamento de afluentes que nela

despejam os restos da cidade. Espumas brancas se formam no agitar dos níveis, diluindo-se em manchas marmoreadas. Formas se alteram até tornarem-se um caldo marrom de odor forte que passa em frente ao Praia de Belas antes de desembocar no Guaíba, onde o sol se esconde. O quadro faz ponte entre a vertente e sua desembocadura; ele é, simultaneamente, frente e verso de uma geografia.

Porto Alegre,  
2017 de 2017

Isabela Corrêa  
Arroio de Belas, 2017  
100 x 100 cm  
Guache, óleo, tinta acrílica  
sobre tela de algodão



...anda poderá tem um no  
...e a viver in my city  
...[www.kibbop.com.br/](http://www.kibbop.com.br/)

Mariana Silva da Silva 20



Fabio Moura/24

\*Sinto muito, mas em português a sonoridade do verbo paixão é ridícula. Por isso, me recuso<sup>1</sup>, não fodo nesse idioma, não como peixe e nem faço nada que me dê vergonha de falar. Encontro a palavra justa ao corpo e visto-a sem narrá-la. Cheguei aqui pela página trezentos e sete de um dicionário desatualizado, verbete antena, derivei e me despeço rumo à sintaxe da saliva, jamais da língua.





Claudia Zimmer, 2019  
de-chuva-para-garofan-chuva

"Sinto muito, mas não sinto nada. Não sei onde estaria a capacidade crítica do sentir. O sentir como o plano, geométrico, que me faz pensar, raciocinar" e ter um sentimento crítico na deriva do pensar. Meu minha pulsação em pensamento por segundo. O que sei, aprendi multiplicando peitada no cérebro por comida no estômago. Logaritmo batucado em ritmo de tico na pé. Deixo a deriva de vela-quebrado no vento.



Tipos de fundos de rio

- fundo muito (constante)
  - fundo com inclinação
  - fundo suspenso
  - fundo inflado (com reflexo)
  - fundo desfilado natural a montante
  - fundo com 1 perfil saia
  - fundo parado muito penetrante
  - fundo parado no tempo
  - fundo muito penetrante (substrato)
  - fundo de pedras + pedras
  - fundo com turbulência
  - fundo com algas + plantas
  - fundo seco
  - fundo com troncos
  - fundo turvo + sedento
  - fundo tatarado (com abissos)
- para cada turbulência corresponde um fundo



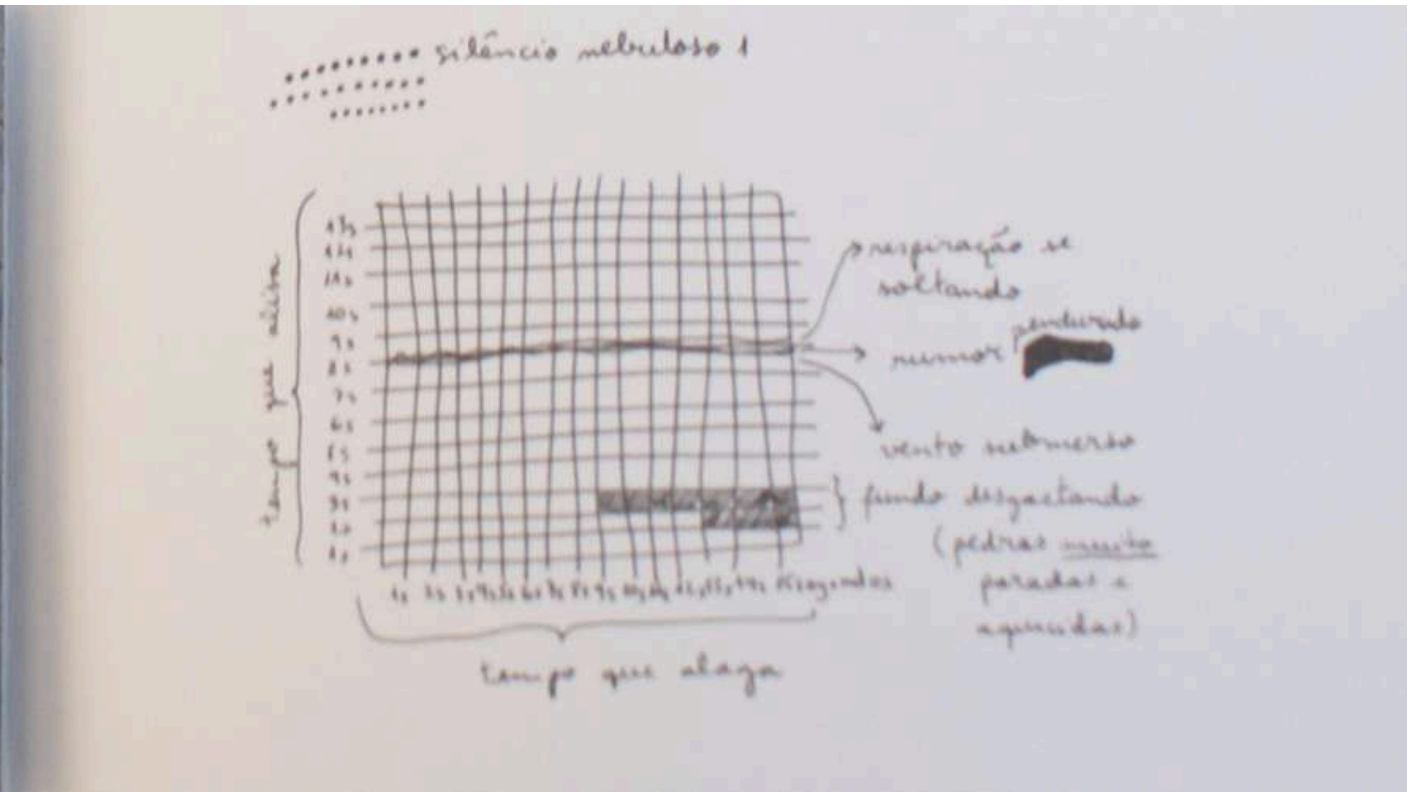
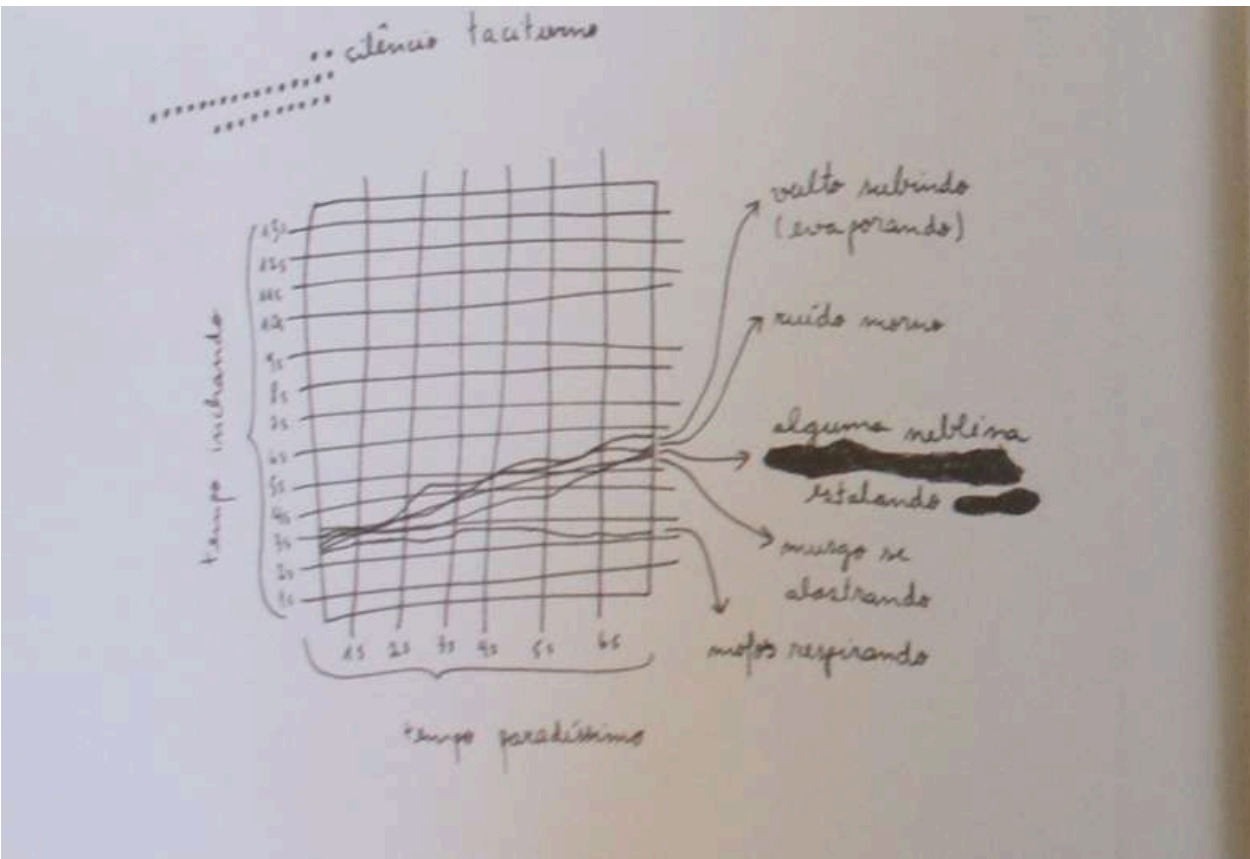


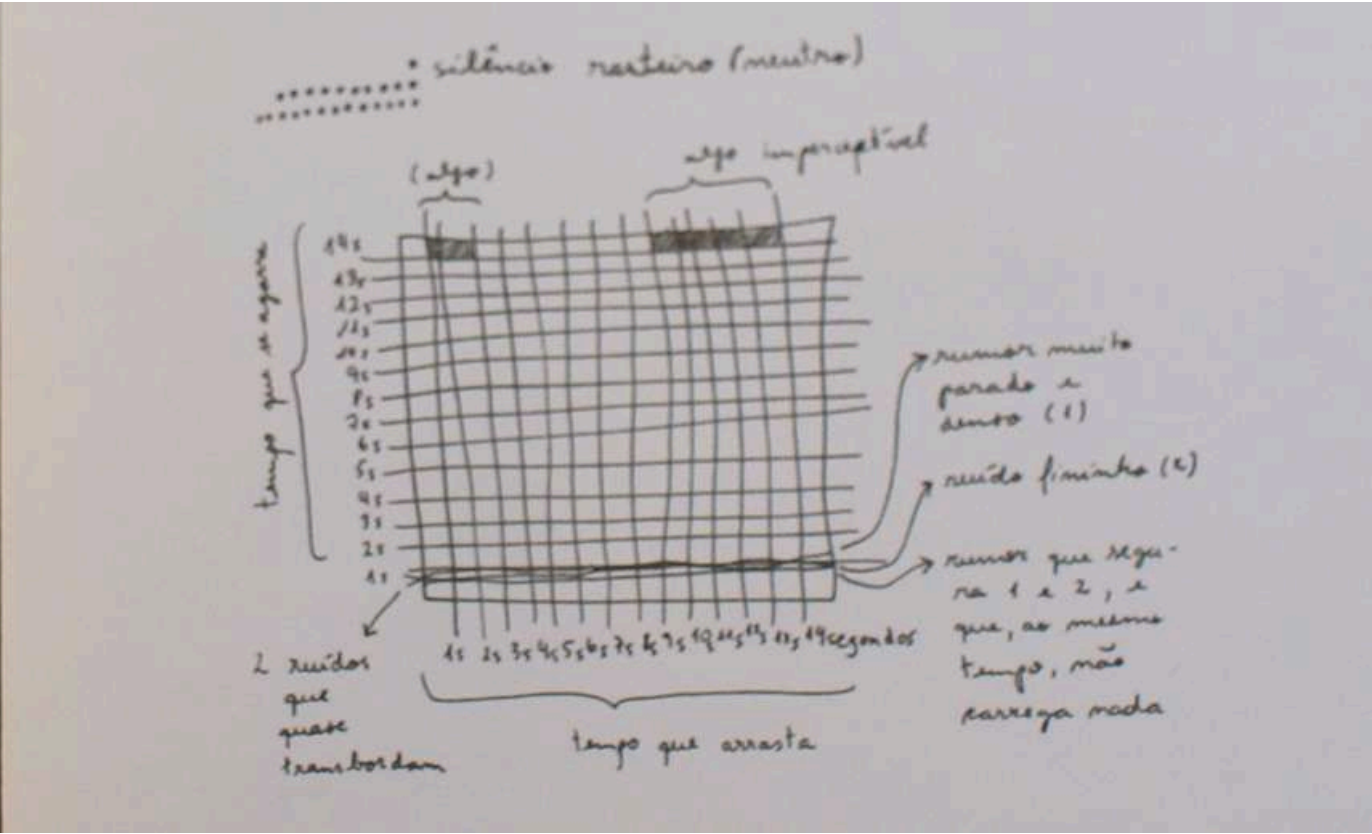


Foto: Prando / Contrasto











"Raciocínio parece dor de cotovelo. Algum órgão que remói, seja no fígado seja na vaidade. Sei lá. Gostaria de ter visão crítica sobre as coisas, mas me apaixono por elas. Puta velha má profissional. Sentir é crítica em relação a quê? Crítica à deriva na pele?"  
Estou certo de que o corpo dispara à queima roupa na vida, sessenta tiros por minuto, e se aproveita da pele que estanca a artéria.



a palavra segundo  
o que não é  
palavra.





<sup>4</sup>Certeza? Afirio nada. Desconfio da minha capacidade crítica<sup>2</sup> quando faço meu raciocínio na deriva da hipérbole. Antes de falar, engulo em seco o que, embora certeza, sairá bifurcado. Volto calado pela veia. Não afirmo o que sinto, falta-me capacidade crítica para sentir de forma categórica.

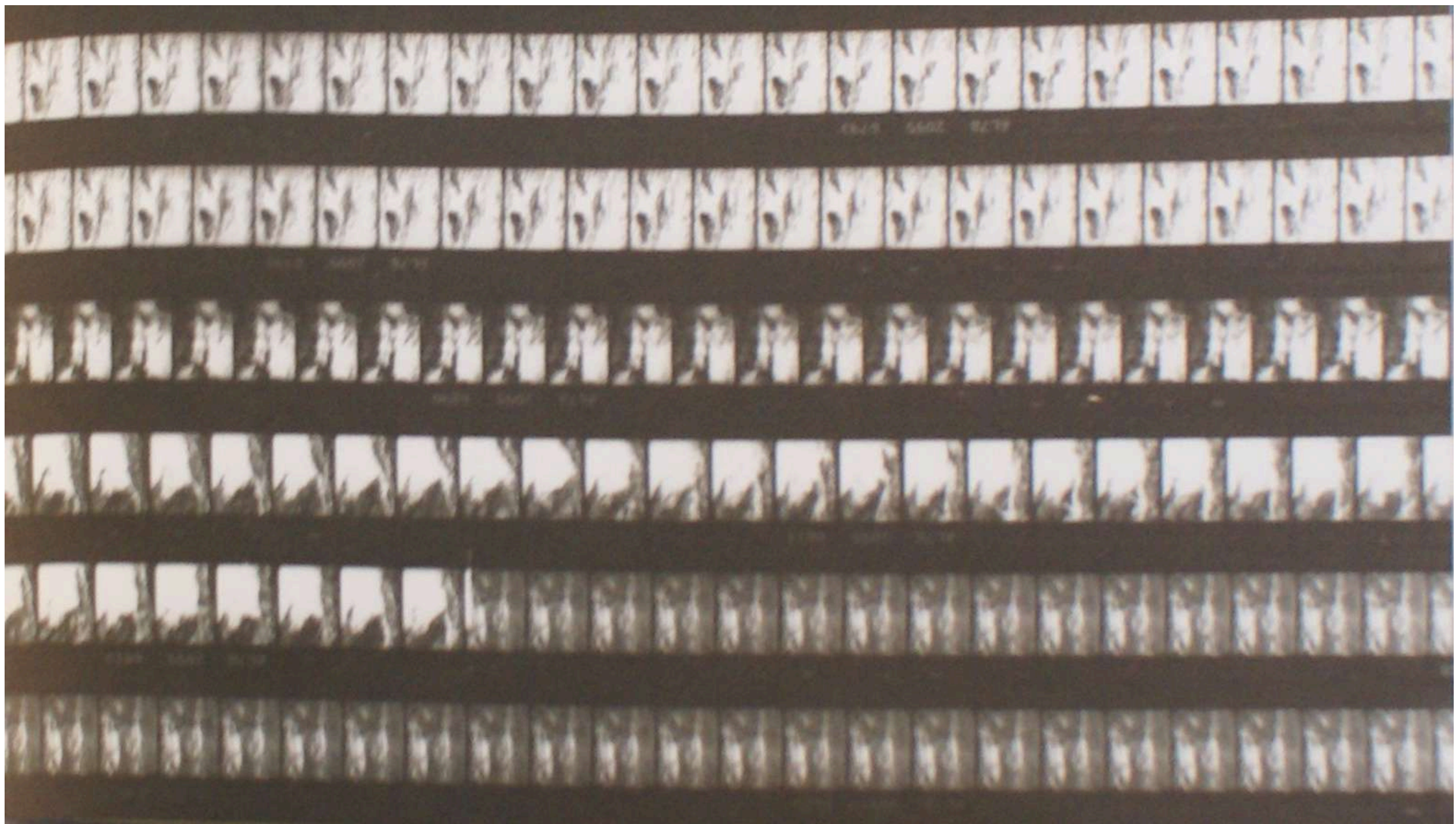
## A PONTE DE PEDRA E O OLHO D'ÁGUA

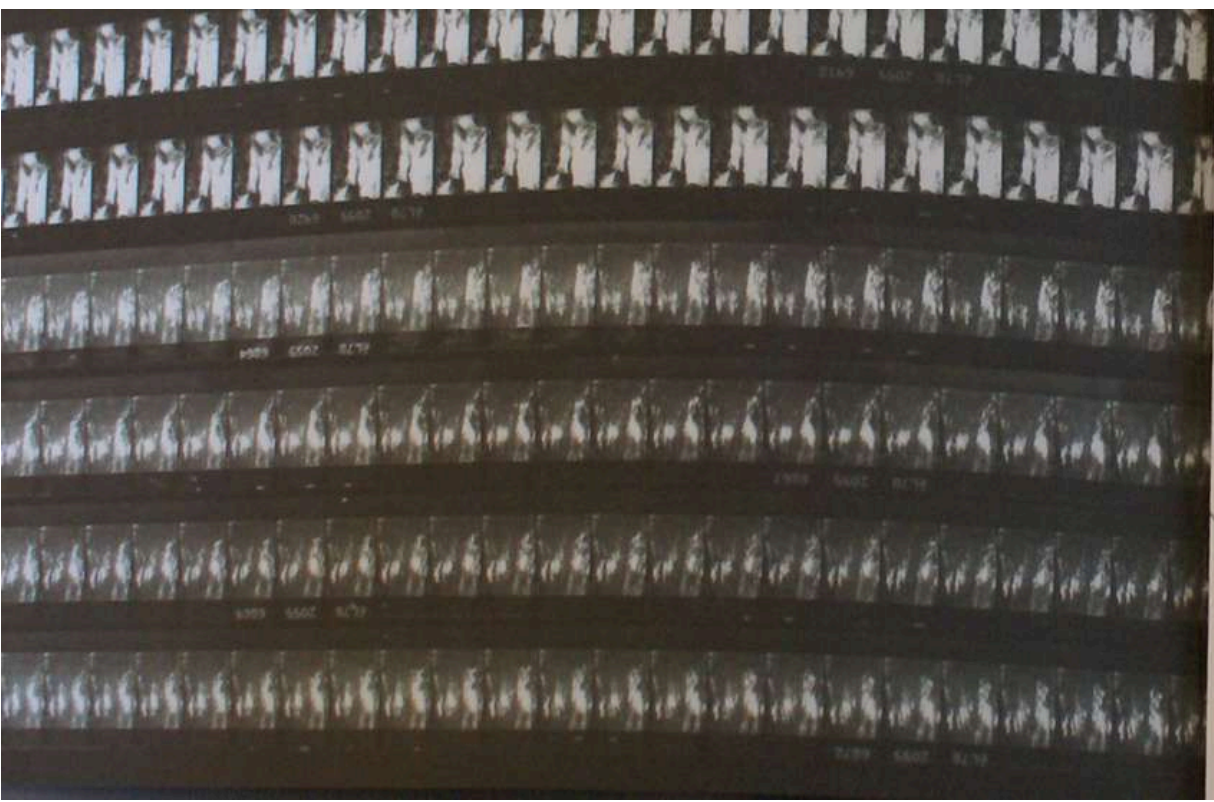
De Angelo Guido, a tela *Ponte da Barcha* figura uma paisagem animada em arcos romanos ligando margens bordadas por vegetação. Observe-se que o pintor distorce num jogo de direções, criando massas de cor e estabelecendo um equilíbrio e composição. Uma camada consistente de pigmentos misturados ao óleo de linho dá vida à tela, espregando-lhe brilho e plasticidade. A superfície foi coberta por pinceladas que se alternam, o pintor tratando de diferenciar a ponte do curso d'água, o céu de vegetação. Uma gama de tonalidades pastel suaves e marcadas esverdeadas são atravessadas pelo volume da ponte, marcado pela claridade da luz, um tanto de branco de titanio com pequenos toques de ouro. Se ao não sobressaia de imediato, dita traço de uma visão de panoramas vistas de avião, as mãos, os braços e pernas que

introduziram um pintor ao seu ofício, o de traduzir o real em representação. A tela que mostra parece ser carregada desta bagagem, ao mesmo tempo em que nela o pintor imaginou frescor e emoção. Num único plano se acomodam os séculos XVI e XX. A moldura, firmemente enxada em tons escurecidos, porta uma numeração centralizada. Talvez o 14 indique a posição desse quadro em uma coleção. Quadros que o acompanharam eslavaram que se trata de uma vista da Ponte do Arrabal Velho, em Paris. Algere, cujas bases um aterramento posterior do terreno escondeu. Foi construída para ligar o centro à zona sul da cidade que se expandia. Remante, mentalmente, a paisagem é imaginária e fictícia e a única zona formada pelos sedimentos de terra que desceram de sua nascente. Finais vezes insistentes para acolher as forças de novembro. Viço na contracorrente.











audio as well as its surroundings noises, proposing to notice resonances and shifts among them, in a process of re-dispatch, repetition and vertigo.

Text in the folder-file:  
**silêncio rasteiro (neutro) = lowered silence (neutral)**  
(algo) - (something)  
(algo imperceptível) - (something imperceptible)  
rumor muito parado e denso (1) - rumor very still and dense (1)  
ruído fininho (2) - low noise  
rumor que segura 1 e 2, e que, ao mesmo tempo, não carrega nada - rumor that holds 1 and 2 and, at the same time, doesn't hold anything  
tempo que se agarra - time that clings  
tempo que arrasta - time that drags  
2 ruídos que quase transbordam - 2 noises that almost overflow

**silêncio taciturno = taciturn silence**  
vulto subindo (evaporando) - shape up (evaporating)  
ruído morno - warm noise  
alguma neblina estalando -

some mist popping  
musgo se alastrando - moss spreading  
mofos respirando - molds breathing  
tempo inchando - swelling time  
tempo paradíssimo - super-still time

**silêncio nebuloso 1 = misty silence 1**  
respiração se soltando - dropping breathing  
rumor pendurado - rumor hanging  
vento submerso - submerged wind  
fundo desgastando (pedras muito paradas e aquecidas) - bottom wearing out (very still and heated stones)  
tempo que alisa - time that smooths  
tempo que alaga - time that floods

**TIPOLOGIAS: fundos de rio = TYPES: river bottoms**  
fundinho neutro (rasteiro) - neutral little bottom (lowered)  
fundinho com neblina - misty little bottom  
fundinho ensolarado - sunny little bottom  
fundinho inflado (com reflexos) - inflated little bottom (with reflections)  
fundinho desfocado acabando a vontade -

blurred little bottom finishing the will  
fundinho com uma possível saída - little bottom with a possible exit  
fundo parado muito pensativo - still bottom very thoughtful  
fundo parado no tempo - bottom stuck in time  
fundo muito pensativo (nebuloso) - very thoughtful bottom (misty)  
fundo de pedras e pedriscos - stones and gravel bottom  
fundo com turbulência - turbulent bottom  
fundo com algas curtas - short algae bottom  
fundo breve - brief bottom  
fundo com tremores - bottom with tremors  
fundo turvo e sonolento - cloudy and sleepy bottom  
fundo taciturno (com abismo) - taciturn bottom (with abyss)

- para escuta simultânea:  
soundcloud.com/fundoderio  
- to listen simultaneously:  
soundcloud.com/fundoderio



2013 PLUVIAL FLUVIAL

Concepção, organização  
| Conception, organization  
Claudia Zimmer  
Raquel Stoff

Artistas participantes |  
Participating artists  
Claudia Zimmer  
Fabio Morais  
Fabiola Scaranto  
Felipe Prando  
Gustavo Torrezan  
Heider Martinovsky  
Joana Corona  
Kátia Prates  
Mariana Ivone dos Santos  
Mariana Silva da Silva  
Raquel Stoff

Projeto gráfico |  
Graphic design  
Anna Stoff

Revisão e tradução  
(inglês) | Proofreading  
and version (english)  
Miguel Augusto Carneiro  
Pinto Ribeiro  
Cristiano dos Passos

Produção |  
Production  
Monique Beneval  
de Souza

Desenvolvido entre  
agosto de 2012 e  
julho de 2013  
| Developed between  
August, 2012 and July,  
2013

Impressão |  
Printing  
Impressora Mayer Ltda.  
2.000 exemplares  
| 2.000 copies

Contato |  
Contact  
pluvialfluvial@gmail.com

Edição Conselho  
Artes Visuais MinC/  
Funarte/Petrobras  
| Notice Conselho Artes  
Visuais MinC/Funarte/  
Petrobras

DISTRIBUIÇÃO  
GRATUITA,  
PROIBIDA A VENDA  
| FREE DISTRIBUTION,  
SALE IS PROHIBITED



Agradecimentos

às/ aos artistas que participam da publicação, à equipe da PLUVIAL (Anna Stoff, Monique Beneval, aos tradutores Cristiano dos Passos e Miguel Augusto Ribeiro, a Carlos Schroeder (Editora de Casa), à equipe do Museu Victor Meirelles, à Feira de Arte Imprensa do Rioane e à TURNE (feira itinerante de publicações de artistas), à equipe do Conselho Artes Visuais - MinC/Funarte/Petrobras, às nossas famílias, em especial a Daniel Oitramari e a Heider Martinovsky

PLUVIAL FLUVIAL consiste numa publicação experimental impressa desenvolvida com a participação de onze artistas brasileiros: Claudia Zimmer, Fabio Moraes, Fabíola Scaranto, Felipe Prando, Gustavo Torrezan, Helder Martinovsky, Joana Corona, Katia Prates, Maria Ivone dos Santos, Mariana Silva da Silva e Raquel Stolf, tendo o projeto gráfico elaborado por Anna Stolf.

A publicação é pensada como articuladora de um fluxo incessante, onde é possível (des)construir e/ou (re)construir narrativas e imagens, da mesma forma que solicita tempos (des)contínuos de observação e escuta.

PLUVIAL FLUVIAL consists of a printed experimental publication developed with the participation of eleven Brazilian artists: Claudia Zimmer, Fabio Moraes, Fabíola Scaranto, Felipe Prando, Gustavo Torrezan, Helder Martinovsky, Joana Corona, Katia Prates, Maria Ivone dos Santos, Mariana Silva da Silva and Raquel Stolf. And the graphic design was produced by Anna Stolf.

The publication is intended as articulating a relentless flow, where it is possible to (de)construct and/or (re)construct narratives and images in the same way that requests (dis)continuous periods of observation and listening.



9 788580 810349

P723

Pluvial Pluvial / Claudia Zimmer, Raquel Stoff (Orgs.) -  
Florianópolis: Editora da Casa, céu da boca, olho-rosa, 2013.  
72 p. : il. ; 19,7 x 17,2 cm

ISBN: 97885080349

Edição bilingue

Artistas participantes: Claudia Zimmer, Fabio Moran, Fabiola Scaranto, Felipe Prado,  
Gustavo Torrecias, Helley Martinovsky, Joana Corona, Katia Prates, Maria Ivone dos Santos,  
Mariana Silva da Silva e Raquel Stoff

1. Artes visuais. 2. Arte contemporânea. 3. Águas pluviais. 4. Águas fluviais.  
I. Zimmer, Claudia II. Stoff, Raquel

(DD) 709 040981 - 20.45



agência



patrocínio



PETROBRAS

realização

conexão  
artes  
visuais

REALIZAÇÃO: FUNARTE, PETROBRAS

Ministério da  
Cultura

FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES  
funarte

BRASIL  
PAÍS BELA E PAÍS SEM FOME

And what is above and/or below, how set the title, brings up an idea of landscape. Something like pluviálky, fluvial/earth and among them, subtly outlined, the skyline. I remembered Cloud Stones, by Hamish Fulton. Can anyone gaze so many clouds?

Neither in sky, nor on earth. At the same time, (where) does a skyline move? Does a landscape move? As an interval, a minimum furrow, a crack? I remembered the Brigida Bakar's gathering of sea smell, mist and dew, the Patrick Dubroc's observations, notes and collects of rain, the Roni Horn's book-work Dictionary of Water, among so many works that we could list here.

Transience and simultaneity. Is it the landscape? Is it impregnated of exquisite small acts (Michel Serres) driven by our relationship with the place? Is it a relationship? Javier Maderuelo says that there is no landscape without interpretation. So, is there a correspondence and an equivalence between mind and earth? If so, are there two geographies, one of the mind and other of the earth? Is the landscape located between them?

In his writings, Robert Smithson refers to the mental and geological avalanches, to the mind and earthland motions. A text can be a dragged sediment and that also drags something, as well as an image never seems to settle, but to seize us. What are the possible relations among rivers, clouds and books? A river in a book may look impotent, but also overflows (some) hope.

Conversation between Claudia Zimmer and Roguel Shoff

**Guarda-chuva-para-guardar-chuva, Claudia Zimmer, 2013**  
Guarda-chuva-para-guardar-chuva, Claudia Zimmer, 2013

**Note:**  
The literal translation of Guarda-chuva-para-guardar-chuva would be "Umbrella-to-store-rain". However, the title in Portuguese it is preserved because its beginning, guarda-chuva, and its end, guardar-chuva, prompt a semantic and a sound play. This work is thought from the sentence that names it, which is originally designed in circular shape, so that reading does not favor neither beginning nor end.

**Hélice, Fábio Moraes, 2013**  
Propelias, Fábio Moraes, 2013

Text in the folder file:  
"Sure? I claim nothing, I suspect my critical faculty when I catch my reasoning drifting in the hyperbole, before speaking I swallow hard what, although a certainty, would come out

faked. I return quiet through the vein. I do not affirm what I feel, I lack critical capacity to feel categorically

Reasoning seems sour grapes. Any organ that grinds on, either in the liver or in the vanity. Damn. I'd like to have a critical view on things, but I fail in love with them. Old whore, poor professional. To feel is a critic in relation to what? A critic drifting in the skin? I'm sure that the body shoots point blank in life, sixty rounds per minute, and taken advantage of the skin that stops the artery.

"I'm sorry but I don't feel anything. I don't know where would be the critical capacity of feeling. The correct and fast feeling, geometric, that would make me reason and have a critical sense drifting in the thinking. I measure my pulse rate in thoughts per second. What I know I learned by multiplying boxes in the brain per punches in the stomach. A logarithm drumming at the pace of shouting oneself in the foot. A delirium drifting in the vein that is broken in the sand.

"I'm sorry, but in Portuguese the sound of the verb "passion" is ridiculous. Therefore, I refuse. I do not fuck in that language. I do not eat fish nor I do something that makes me be ashamed of speaking of. I find the word right on the body and I wear it without naming it. I got here by the entry "artery" on page three hundred seven of an outdated dictionary. I drifted and I sat faceless towards the saliva syntax, over the language" one.

"Translator's note: In the source text, "passion", sounds similar to "passion", and the verb "come" has double meaning in Portuguese, namely "to eat" and "to have sex".

"Translator's note: In the source text, in Portuguese, "lingua" means both "tongue" and "tongue", therefore "self".

**Entre Flores, Fabiana Scaramia, 2012**  
Among Flowers, Fabiana Scaramia, 2012

**Pororoca, Felipe Prando, 2013**  
Pororoca, Felipe Prando, 2013

Note:  
The Tupi word *pororóka*, means "great high tidal wave that, with thundering noise, rises impetuously upriver [...] with an abrupt front of considerable height, dangerous to navigation, and that after its passage forms smaller waves, the bororinos, which break violently on the beaches." (Available at: <<http://michaels.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua-portugues-portugues&palavra-pororoca>>.)

**Devir # 3, Gustavo Torrezan, 2008**  
Becoming # 3, Gustavo Torrezan, 2008

**River Film 11, Heider Martinovsky, 2012-2013**  
Filme Rio 11, Heider Martinovsky, 2012-2013

**Palavra-viva, Joana Corona, 2013**  
Living word, Joana Corona, 2013

Text in the folder-file:  
"the word fishing what is not word"

**Átimo, Katia Prates, 2013**  
Immediate, Katia Prates, 2013

**A ponte de pedra e o olho d'água, Maria Ivone dos Santos, 2013**  
The stone bridge and the water body, Maria Ivone dos Santos, 2013

Fotografias | Photographs:  
Flávia de Quadros  
Revisão | Proofreading:  
Clea Motti

Text in the folder-file:  
**The stone bridge and the water body**

Angelo Guido's canvas *Stream Bridge* pictures a passage supported by Roman arches linking margins surrounded by vegetation. It is noted that the painter

distracts himself in a set of directions creating a mass of color and establishing balance to the composition. A consistent coat of pigments mixed with linseed oil covers the canvas adding brightness and materiality to it. The surface was covered with alternating strokes; the painter differentiates the bridge from the waterway, the sky from the vegetation. A range of pastel bluish and greenish-brown shades are crossed by the volume of the bridge, which is marked by the clarity of the light, somewhat of titanium white with small touches of ochre. Had I not known beforehand, I would say that this is a version of picturesque views. The *voyages en Italie* are the initiatory paths that introduced a painter to his craft, which is translating reality into representation. The screen shown seems to be full of this background at same time that the painter imprinted freshness and excitement on it. In a single plane the XVII<sup>th</sup> and XX<sup>th</sup> centuries co-exist. The frame, richly adorned in golden tones, carries a centralized numbering. Maybe the number 43 indicates the position of this canvas in

a collection. The data accompanying it explain that it is a view of the Bridge Over Brook Deluge, in Porto Alegre/RS, whose bases were hidden later by a plot grounding. This bridge was built to link downtown to the south area of the city, which was expanding. I mentally redo that landscape and I imagine the creek and the islet being formed by sediments of land coming down from its source. Thin veins that were insufficient to receive the November rains. I travel in countercurrent. The back of this painting shows the wooden frame that is rotten and devoid of cover framing another painting. The pigments are dry and leave uncovered a portion of the frame. Would it had been done with gouache, which joined superficially, falling in color plates, when drying up over time? Another color range appears: reddish-orange and dark tones. A sunrise indented by the silhouette of palm trees and other species. I cross the dense vegetation represented there by dark tones and I hear the gentle bubbling water. A water body surfaces in the soft earth and promptly becomes

the scratch on which I slide. I descend rapidly the flow that is formed by the force of gravity. The water is occupying the fault of the land and it is carrying all. A straight channel becomes the riverbed of the changed Brook, intercepted by the stream draining that pour into it the wastes of the city. White foam is formed in the stir of levels, diluting itself in marbled spots. Forms are altered until they become a brown broth of strong odor that passes in front of the Praia de Belas Mall before flowing into Guaíba River, where the sun hides. The canvas creates a bridge between the slope and its mouth: he is simultaneously front and back of a geography.

Porto Alegre, April, 2013.

Angelo Guido  
*Stream Bridge*, undated  
oil on cardboard  
12.6 x 19.7 in

Collection:  
Art Gallery Barão de Santo Ângelo  
URFNGS Art Institute

**Na minha cidade tem um rio, Mariana Silva da Silva, 2010 - em andamento**  
There is a river in my city, Mariana Silva da Silva, 2010 - work in progress

**Fundo de rio sob ruído de fundo, Raquel Stoll, 2011-2013**  
Fundo de rio sob ruído de fundo, Raquel Stoll, 2011-2013

Note:  
The source title *Fundo de rio sob ruído de fundo* would be literally translated as "River bottom under background noise". However, we chose not to translate it because it was written from its sound/acoustic dimensions, where the repetition of the word *fundo* implies the concept of "assonances of silences" essential to this work - in Portuguese, the word *fundo* means simultaneously "background" and "bottom". *Fundo de rio sob ruído de fundo* involves silences, listening and writing situations, from recording and editing rivers bottoms.

Em seus escritos, Robert Smithson fala das avalanches mentais e geológicas, das movimentações da mente e de/da terra. Um texto pode ser um sedimento carregado e que também arrasta algo, assim como uma imagem parece nunca se fixar, mas nos agarrar. Quais as relações possíveis entre rios, nuvens e livros? Um rio num livro pode parecer impaciente, mas também transborda (alguma) espera.

Since we started to talk about our project and about the cyclic interchange PLUVIAL FLUVIAL, I began to think how the continuous movement of the waters comes near to what happens in the process of an artist – this dense flux that sometimes imposes itself and sometimes runs off.

Thinking about a process as a flux also evokes a vertigo and a concreteness of the artistic thought. And the attempt to grab the water, either over or under a process, maybe is something impossible. However, simultaneously, this attempt seems to imply the existence of an unceasing engine, functioning in network.

As the rain water that increases the volume of the river, which, by its turn, evaporates turning into rain again, an artistic work may have its sources in previous works, in the same way it will discharge into the next one.

This looks to me as a discontinuous-continuous movement, co-implicated. There is something hypnotic during the observation of the rain, who is able to gaze a single drop? A drizzle materializes almost like a skin, a membrane of humidity. On the riverside, there is (some) quest.

At once, we move in the sensory and in the conceptual fields and this co-implication ramifies, entangles itself, unfolds and feeds mutually, as the water that falls from the clouds and flows by a course, filling the depressions.

Would pluvial-fluvial be falling and flowing? Weigh upwards and downwards? Ahead or aside, a pluvial text, a fluvial image or vice-versa? Displacements between floating and sinking, between floating and raining.

Nem no céu, nem na terra. Ao mesmo tempo, (onde) um horizonte se move? Uma paisagem se move? Como um intervalo, um sulco mínimo, uma fissura? Lembrei das coletas de maresia, neblina e orvalho, de Brigida Baltar, das observações, anotações e coletas de chuva de Patrick Dubrac, do livro-obra *Dictionary of Water*, de Roni Horn, entre tantos outros trabalhos que poderíamos listar aqui...

Transitoriedade e simultaneidade. É isso a paisagem? Ela é *saturada de pequenos atos requintados* (Michel Serres) acionados por nossa relação com o lugar? Ela é uma relação? Javier Maderuelo diz que não existe paisagem sem interpretação. Então há uma correspondência e uma equivalência entre mente e terra? Se é assim, são duas geografias, a da mente e a da terra? Entre elas se situa a paisagem?

Pluvial-fluvial seria cair e correr? Pesar de baixo para cima e de cima para baixo? Adiante ou ao lado, um texto pluvial, uma imagem fluvial ou vice-versa. Deslocamentos entre boiar e afundar, entre nublar e chover.

12

E o que está acima e/ou o que está abaixo, do modo como configuramos o título, traz à tona uma ideia de paisagem. Algo como: pluvial/céu, fluvial/terra e entre eles, sutilmente delineada, a linha do horizonte. Lembrei de *Clouds Stones*, trabalho de Hamish Fulton. E alguém pode se fixar em tantas nuvens?

13

isso me parece um movimento descontínuo-continuo, co-implicado. Há algo hipnótico durante a observação da chuva: quem consegue se fixar em uma única gota? Uma chuva fina se concretiza quase como uma película, uma membrana de umidade. No beira dos rios, há (alguma) procura.

A um só tempo nos movemos no campo do sensível e do conceitual, e essa co-implicação se ramifica, se aneda, se desdobra e se alimenta mutuamente, como a água que cai das nuvens e escorre por um curso, preenchendo as depressões.

Pensar um processo enquanto fluxo suscita também uma vertigem e uma concretude do pensamento artístico. E a tentativa de agarrar a água, seja sobre ou sob um processo, talvez seja algo impossível. Porém, ao mesmo tempo, essa tentativa parece implicar a existência de um motor incessante, em rede.

Como a água da chuva que aumenta o volume do rio, que por sua vez evapora voltando a ser chuva, um trabalho artístico pode ter sua nascente em alguns anteriores, na mesma medida em que desembocará num próximo.

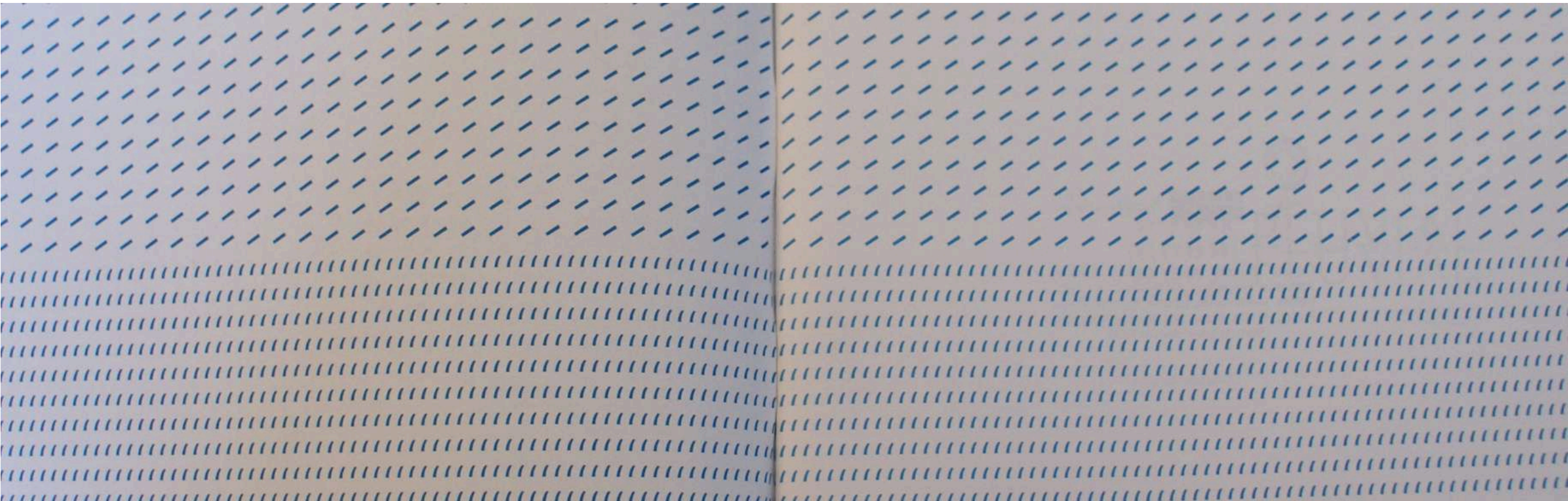
(conversa  
entre

..... Claudia Zimmer

e

..... Roquel Stolf) ”

Desde que começamos a conversar sobre o nosso projeto e sobre a alternância cíclica PLUVIAL FLUVIAL, fiquei pensando como o movimento contínuo das águas se aproxima ao que acontece no processo de um artista – esse fluxo denso que ora se impõe e ora escapa.





editora da Casa

Claudia Zimmer' Fabio Morais' Fabíola  
Scaranto' Felipe Prado' Gustavo Torrezan'  
Helder Matlinovsky' Joana Corona' Katia  
Prates' Maria Ivone dos Santos' Mariana  
Silva da Silva' Raquel Stoll'

Florianópolis, 2013



FLUVIAL

Claudia Zimmer'  
Raquel Stoll'  
1983